O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

ANO 38.º — N.º 1909

Sábado, 6 de Outubro de 1945

VISADO PELA CENSURA

A Païsagem e o Homem na grande região aveirense

Interpretação geográfica da païsagem física. Reflexão humana dessa païsagem. Sua correlação com a polimorfia estrutural da Beira-Mar

(Esboço de uma síntese)

pelo dr. Alberto Souto

Na altura da vida mental em que me encontro, as longas descrições horrorizam-me literariamente.

Pelo contrário, seduzem-me as sínteses.

Se as não consigo, esfôrço-me por elas.

O esboço que se segue, representa a revisão, actualizada, de observações, reflexões e estudos de um quarto de seculo...

* * *

Ouvi dizer um dia ao grande estatuário Teixeira Lopes, no jardim de Jaime de Magalhães Lima, numa roda de amigos e admiradores onde pontificava António Arroio e dos quais só o professor Silva Rocha e eu vivêmos:

—Penso como Rodin. A beleza do homem está no esqueleto. Os músculos são o ornamento da ossatura!

Já tenho citado e repetido isto, mas tão luminosa é a observação que me sugeriu esta síntese e dela me socorro transportando-a para assuntos geográficos como o que fundamentalmente constitue o tema que, em forma quási definitiva, entrego à leitura pública.

Em verdade, analizando o segmento litoral do extremo ocidente europeu, compreendido entre o Douro e o Mondêgo, sou naturalmente levado a parafrazear o ditame dos dois gloriosos escultores, depois de o aplicar à geografia regional.

Suponho-me em estação na Meia-Laranja, cabeça do molhe sul ou de Luís Gomes de Carvalho, na Barra de Aveiro, de costas para o Atlântico, mirando a nordeste, nascente e sudoeste os altos da cumiada que fecha o horizonte e nos separa do país duriense, da Beira-Transmontana e da Beira-Alta.

Daqui até aos montes de Romariz, ao pináculo da Freita, ao Arestal, às Talhadas, ao Caramulo, Bussaco e Cabo Mondego, a terra sobe, mas por degraus suaves que são a princípio muito extensos.

Aqui perto, indecisa ainda no rítmo das marés, mal emerge da planície aquosa, espumadecente e inquieta do Oceano, junto do qual é areia e lôdo, volúvel e infirme. Depois forma um estrado, estende-se e eleva-se, adensa-se e firma-se e quando chega à raiz do dôrso dêsses vagalhões petrificados que são as montanhas, já é—rocha dura!

Que mistério é êste? Meditando-o, pode concluir se:

—A belesa da terra está na geologia.

A païsagem é apenas um aspecto fisionómico, meramente exterior, de um complexo geográfico.

Para bem se compreenderem aquelas formas superficiais da terra que pela sua combinação, pelo seu relevo, pelo colorido próprio e pela côr resultante do revestimento vegetal e das modificações humanas, produzem em nós o sentimento admirativo que chega ao extasi do panorama, é indispensável penetrarmos nas suas entranhas e dissecarmos os seus elementos. A païsagem, assim considerada, torna-se o complemento da geologia estratigráfica e estrutural e a face viva de uma herança de longínquas formas e incontáveis transformações.

* * *

A 40° 40' de latitude norte na costa oriental do Atlântico, pouco mais ou menos entre os paralelos de New-York e Boston, a região portuguesa que nós apelidamos de Beira-Mar e que tem o Vouga por eixo e Aveiro por centro e capital, apresenta um aspecto singular e imprevisto não só de profunda beleza, mas também de vida tão intensa e diversa da restante de Portugal que, como observou António Arroio, ninguém poderia suspeitar da sua existência num país como o nosso.

Porquê?

A' primeira vista tôda a gente afirma que o encanto desta região provém apenas da Ria e freqüentes são os erros dos que supoem que tudo aqui foi sempre e é apenas uma ria.

Porém, a Ria de Aveiro está engastada num anfiteatro de planuras, colinas e serranias que são, afinal, pelo seu contraste, o segredo da gama dos modelados e da espantosa policromia que constituem a sua riqueza e a sua beleza.

Mas as serras e os vales, os campos e as planuras, os rios e os estuários, as areias e os alcantis, as rochas e os sedimentos, são simultâneamente causas actuais e produtos históricos de fenómenos complicados.

Os seus fastos e anais, os seus arquivos e legendas, pertencem à geologia, nobilíssima e apaixonante ciência que é, ao mesmo tempo, a geografia do passado e a história da geografia do presente. Sem o seu auxílio podemos vêr, mas não podemos comprender.

Para Junqueiro, o mar era mais belo depois de devassado pela ciência. Também a *terra* é mais bela e a sua beleza mais edificante, se nós conhecermos a sua anatomia e soubermos explicar as suas origens, a sua evolução e as suas vicissitudes.

* * *

A Ria de Aveiro é, em verdade, uma fonte inexgotável e imensa de riquezas e sensações encantadoras.

António Arroio defeniu-a assim numa frase célebre que eu me encarreguei de disseminar: *«um polipo colossal que se divide em infinitos braços e penetra pelo interior das terras desde os palheiros de Mira, em 44 kilometros da costa, e transversalmente numa largura máxima de 10 kilómetros»*.

Constitue um aparelho litoral bem digno de estudo no âmbito das ciências da terra, considerado por J. Dantin Cereceda como o acidente mais notável das costas peninsulares do Atlântico, sem semelhança em todo o restante litoral ibérico, embora outros acidentes pareçam assemelhar-se-lhe.

E' um aparelho geográfico fundamentalmente diverso das rias da Galiza que são vales de afundimento simplesmente invadidos pelo mar, e pode etiquetar-se com os *haff* do Báltico e os *lidos* italianos da costa do Adriático. Separada do oceano pelo cordão arenoso que se alinha entre as pedras do norte de Espinho e a ponta do Cabo Mondego, comunica com o mar pela abertura de uma barra estabelecida pela engenharia e abriga no interior um labirinto de canais, lagos, esteiros e um arquipélago de ilhotas onde desaguam vários rios dos quais os principais são o Vouga e o Antuã que esbracejam ainda pelos restos de deltas em decrepitude e artificialmente modificados.

A Ria de Aveiro não é um fiord, nem um vale afundido como qualquer das rias da Galiza originadas no abaixamento de conjunto das terras peninsulares de oeste com correlativo levantamento do interior da mezeta, fenómeno que se deu depois do Oligoceno e que, certamente, teve logar por intermitências, algumas das quais em pleno Quaternário.

A Ria de Aveiro é simultâneamente devida a oscilações do nivel do mar e do litoral e a erosões fluviais e marinhas e a acumulações arenosas do vento, dos rios e das ondas e a longas colmatagens e preenchimentos torrenciais e lagunares.

A que época da história da terra remonta a sua formação? E' difícil responder e precisar.

Mas da própria enumeração das suas causas e agentes construtivos se infere que ela não é mais que o produto lento de um demorado labuto de milénios, a resultante de uma prolongada luta entre as terras e as águas e devida a alternancias de niveis do continente e do oceano, a soluços de isostasia, a movimentos epireigenicos com estádios diversos na sua evolução. Esta veio certamente desde o recuo geral do mar após o Vilafranquiano (Carrington da Costa) e distendeu-se pelos tempos históricos, prosseguindo nos presentes. Investigando, aqui há 25 anos, as suas origens, marquei-lhe três ciclos: o das erosão ou de preparação, o de preenchimento ou de estabilização e o deltaico ou lagumar, que representa já uma decadência. Novas ideias e descobertas geológicas vieram neste quarto de século ampliar e orientar os nossos conhecimentos, mas, essencialmente, êsses três ciclos continuam a admitir-se.

O primeiro deve ter decorrido nos fins da era terciária, depois da rotura do Atantico do Norte e do aparecimento dos invernos, quando uma especial incidência dos ventos de noroeste e de uma corrente atlântica, aparentada com a actual corrente de Renel, escavou o continente cenozoico que se estendia mais para oeste, porventura unido com a América, e formou o grande chanfre ou grande golfo entre o Douro e o Cabo Mondego, que hoje se encontra atulhado pelos areais da costa e pelas dunas fossilisadas mais do interior.

Baseando-me em Macferson dissera eu no meu estudo de 1923 ser flagrante a correlação existente entre a orientação do curso do Certoma com o segmento inferior do Vouga, a linha da primitiva costa marítima de Espinho—Ovar a Angeja e Loure e mesmo a de Cacia—Aveiro—Ilhavo Vagos, Mira, Tocha, Quiaios—e as grandes fracturas peninsulares. Mas não me era possivel dizer tudo. Choffat também não conseguiu uma cabal explicação. O sr. Ernesto Fleury, no seu trabalho sôbre as plissuras hercinienses, veio fornecer-nos possivelmente a chave do enigma, elucidando o ponto obscuro, pois revelou a dobra hercinica que vindo do noroeste segue exatamente o baixo curso do Vouga. Verifica-se assim que os acidentes tectonicos e os fenómenos geocinéticos tiveram, como eu afirmára, um grande papel no ciclo de escavamento, pois os agentes erosivos encontraram aí os pontos fracos propícios à sua acção.

A meu ver, no caso de querermos entrar em conta com a teoria de Wegener, a translação continental, que se teria operado depois do Plioceno, não contradiz o exposto.

A isostasia e a coalescencia, explicariam, até, admiravelmente, os problemas do desaparecimento das terras de oeste, sem as quais não é facil compreender-se a extensão e regularidade dos depósitos mesozoicos continuados na sua horisontalidade pelos dos tempos post-pliocénicos da nossa grande plataforma das cotas inferiores a 100 metros.

No Pleistoceno ou no Homozoico, deu-se inegávelmente, um grande desiquilibrio nas terras interiores e, no decurso do Quaternário, indubitávelmente, produziram-se várias oscilações do nível relativo do oceano, de dois resultados finais muito nítidos.

O mar tornou-se base atractiva das

De vez enquando

Uma gentil leitora assídua cá da gazeta—gentil na verdadeira acepção do têrmo, porque o é, de facto—teve a amabilidade de me dirigir do Porto uma cativante carta. Diz nela quem a subscreve com tôdas as letras da sua *inocência*, filha dum humilde *casal* que, pelo trabalho, grangeou o brazão de nobreza onde se apoia, que me louva pela maneira como tenho vencido as crises do jornal, apresentando-o, já, de quatro páginas, e felicita-me, também, na sua qualidade de sincera admiradora do *Democrata*, em presença da clareza, do desassombro desta secção.

Não sei, não descortino, não encontro palavras capazes de agradecer à minha amável leitora, de sentimentos expressivos e generosos, que tanto me confunde, os seus aplausos. Trata-se duma rapariga nova, insinuante, educada, que terá, quando muito, vinte anos, e eu não quero envaidecê-la... Mas a verdade tenho de a dizer: o gesto dessa rapariga só a eleva por ver nela qualidades pouco vulgares a distingui-la, dando razão ás apreciações feitas aqui sôbre a mulher moderna. Pois quê? Poder-se-à admitir à mulher que se apresente na rua com trajos masculinos, a fumar; com uns sapatões desilegantes, horrivelmente grosseiros como as chancas dos nossos avós; de mascara afivelada, quási irreconhecível, pela semelhança da pintura com as de papelão que, antigamente, durante o carnaval, se vendiam, nos estabelecimentos, a pataco? Isso são, porventura, maneiras de se dignificar?

Não está certo. E a menina, que assim o entende, como eu, mostra, compreende a sua situação. Oxalá nunca mude de pensar. Confie nos seus atractivos naturais. Imponha as suas virtudes, os seus dotes próprios e deixe correr os marfins. Sou lhe franco: quando vejo uma dessas chamadas *elegantes* a fumar, junta com os homens, nos cafés, dá-me vontade de cuspir-lhe. A bôca duma mulher só deve transmitir ternura, afecto, amor; nunca o mau cheiro do tabaco. Por isso tenho por quantas se entregam à prática dêsse... *luxo*, aversão, tédio—nojo. Desculpe-me, quem é uma flor. Perdõe. E creia que não lhe hão-de faltar admiradores ao verem-na brilhar envolta na sua modestia—se ela prevalecer acima dos *requintes da moda*.

JOÃO DO CAIS

ESTATUTO DA IMPRENSA

Corre que o sr. Ministro da Justiça vai publicar um diploma com o título da epigrafe pelo qual são totalmente regulamentadas as actividades dos jornais portugueses.

Do que se tratará?

Ministro das Obras Públicas

Esteve nesta cidade, faz hoje oito dias, o sr. eng. Cancela de Abreu, que se fazia acompanhar do sr. eng. Sá e Melo, director geral da urbanização, desde a Figueira da Foz. Com o sr. Governador Civil do distrito, Presidentes da Câmara e da Junta Autónoma foram trocadas impressões sôbre a modificação das pontes, a projectada construção duma pista nacional de rêmo e ainda outros assuntos importantes para a cidade.

Retiraram ao fim da tarde para Anadia.

Abastecimento de água

Em virtude da paralização das fábricas de cerâmica três dias por semana, o abastecimento de água encanada à cidade, que se contava começar no fim do corrente mês, princípios do outro, vai sofrer um atrazo que, nesta altura, ainda se não pode prever.

Bem se diz que um mal nunca vem só...

Transcrições

Alguns colegas estão a dar-nos a honra de reproduzir do *Democrata* várias locais, *sueltos*, e ainda as crónicas de João do Cais.

A todos agradecemos essa prova de solidariedade.

Pela Câmara

Foi aprovado, em sessão do dia 1, o plano quadrienal de melhoramentos em todo o concelho de Aveiro. Para êsse plano se poder efectivar serão precisos cêrca de oito mil contos.

Dentro dêste plano está incluida a construção de 40 casas para classes pobres, em que comparticipam a Santa Casa da Misericórdia e o Estado.

Livros

Roteiro dos Monumentos Nacionais Portugueses

Acha-se em distribuição o 4.º fascículo desta obra do sr. general João de Almeida, profusamente ilustrada e impressa em magnífico papel.

Como já dissemos, é um trabalho de alto valor histórico militar e sem precedentes no nosso país.

Distribuidores gerais: *Portucalense Editora*, Largo dos Loios, 91—Porto.

EMBELEZAMENTO DA CIDADE

Vão iniciar-se os trabalhos de reparação e embelezamento do muro de vedação do Parque, que corre paralelo com a Avenida Artur Ravara.

Nesse caso torna-se necessário o acabamento dos passeios.

Notas do Banco

—o—

Descansem os felizes que as possuem de sobra, guardadas, que não há perigo de as perderem. A-pezar-de algumas terem sido retiradas da circulação, o Banco de Portugal pagará sempre as suas notas. Nada de sustos. pois. Podem dormir descançados os seus detentores...

Estrada de S. Bernardo

Esta artéria, que liga a cidade com o sul, está cheia de covas, por ser asfaltada, de pouco ou nada valendo as *tombas* aplicadas como remédio para êsse mal.

Aquilo só recomposto, visto doutra maneira não ser admissivel a propaganda turística do país.

República Portuguesa

Passou ontem o 35.º aniversário do acontecimento histórico que teve por objectivo a mudança das instituïções e ao qual êste periódico se acha ligado por uma activa e veemente campanha em prol dos vencedores.

Comemoramos a data, tirando do mialheiro a quantia de 300$00, que distribuimos pelos pobres das duas fréguesias constantes da lista a publicar para a semana.

O bacalhau

Ao fim de três meses de ausência, eis que chegou às mercearias o ex-amigo dos pobres para ser distribuído à razão de 200 gramas por pessoa!

Se não é troça, parece-o.

MONTEPIO GERAL

Acaba de ser publicado o livro do 1.º Congresso Nacional das Caixas Económicos, cuja oferta ao *Democrata* agradecemos.

Benemerência

Pelo sr. João da Silva Campos foi-nos entregue a quantia de 50$00, destinada aos pobres protegidos pelo *Democrata*.

Muito reconhecidos.

NÃO VAI NADA!

Várias organizações de diferentes *actividades* se teem fundado últimamente e tomaram a resolução de pedirem o envio gratuito do *Democrata*, prometendo publicidade, que nunca vem, ou se vem é *cão* certo. Concluimos, portanto, que estamos mais em presença de agências de exploração do que outra coisa e nessa conformidade fica estabelecido que daqui não vai nada.

O jornal custa dinheiro e não é pouco. Querem-no? Percam dêle para o negócio estabelecido? Tomam a assinatura e pagam. E' escusado, pois, perder tempo, lógica e... *actividade* connosco.

Atenção para a 4.ª página

perfis longitudinais dos rios, cujos talwegs terminais baixaram aos 30 metros negativos.

A planície, hoje elevada de 20 metros nas arribas de Estarreja a Aveiro, Ilhavo e Vagos e a 80 metros nas cercanias mais afastadas de Aveiro, parece-me corresponder a um vasto terraço deixado a descoberto pela regressão geral do mar no fim das glaciações quaternárias. Esse terraço liga-se com a plataforma de Espinho a Estarreja, Angeja, Bairrada. E' o grande estrado que não excede 100 metros. E' bem provável que, quando se extinguiram os grandes proboscideos e o homem paleolítico viveu nas imediações do vale do Certima, na Pampilhosa e Mealhada, únicos pontos do distrito onde se recolheram os seus vestígios, se tenha também erguido a leste a serra do Caramulo (Amorim Girão) e sofrido um alçamento tôda a orla montanhosa das margens do Vouga, o que explicaria os leitos torrenciais das ribeiras serranas e as suas marmitas de gigantes.

Torrentes muito mais impetuosas que os rios e riachos actuais, rasgaram os vales nas terras abandonadas pelo mar ou soerguidas; êsses vales colmataram-se a seguir e formou-se, então, com a seqüência de uma forte sedimentação terrígena e arenosa, no remanso das águas do golfo, já tranquilo pelo afastamento do Oceano e da corrente costeira, o delta do Vouga.

Estamos nos tempos flandrianos.

A ria, tal como hoje a conhecemos, não existia ainda, mas as areias vomitadas pelo Douro, as que Carlos Ribeiro considerou devidas aos últimos movimentos de oscilação do litoral (movimentos epireigénicos) e as que o professor Freire de Andrade atribue ao destrôço das terras da orla sedimentar, vieram a fazer emergir restingas e baixios e a acumular dunas que formaram primeiro a Murtosa—que já assim era na época dos megalitos e na idade do bronze, e a Gafanha, velhos areais transformados hoje pelo labor do povo em riquíssimos celeiros, e depois, o areal da costa, relativamente recente, onde assentam as praiazitas tão pitorescas do Furadouro, Torreira, S. Jacinto, Barra, Costa Nova e Mira. São as formações flandrianas que se caracterizam por uma transgressão marinha que prosegue ainda.

Está então constituida a laguna—a Ria—diferindo em detalhes, com multiplas vicissitudes devidas à inconstância da sua comunicação com o mar, sofrendo crises, mas mantendo a fisionomia deltaica e lagunar que hoje lhe conhecemos.

* * *

«*Provavelmente*, diz António Arroio, em outra frase muito conhecida e que eu fui buscar às «*Notas sôbre Portugal*», *pela extensa superficie de evaporação de centos de hectares de água salgada, tôda esta região se destingue do norte do país pela luz irisada que a banha e de momento a momento muda de tom.*

Agua e terra, terra ou água, agora terra e daqui a pouco água e vice-versa, a Ria de Aveiro e as suas margens apresentam-nos uma paisagem física e humana, típica, originalíssima, *que nos enche de vivo prazer e nos atrai como a sombra da manzanilha* e onde o homem, adaptando-se ao meio é como um anfíbio—*lavrador e marinheiro* (Oliveira Martins), guiando os bois em terra e o barco na ria, amanhando a marinha, donde extrai o sal alvíssimo, e amanhando a terra, donde respiga o trigo e o milho e o arroz, e donde colhe as batatas e os legumes, o vinho e as frutas em produção maravilhosa de intensa pluricultura. Planura imensa, branca, azul e verde, vista lá do alto das serras, ou mesmo do meio dos praiões nos dias quentes em que se forma miragem, causa-nos enleio por não saber a gente onde acaba o domínio da terra e onde começa o império do mar.

Brilham no seu seio os canais, os montes de sal, as velas brancas dos barcos de caprichoso feitio...

Porém, a beleza da região aveirense, vouguense e beiramarinha, não está apenas nesta côr local e nesta fisionomia lagunar.

Nem é êsse apenas o elemento exclusivo da sua actividade económica se bem que seja o dominante. Logo acima da ria, fimbriando-a, está, como vimos, o segundo degrau da terra, o tal terraço e a tal plataforma, orla dos terrenos meso-cenozoicos em cuja escavação pelos mares post-terciários se estabeleceu a laguna.

E são os milheirais extensos e os pinheirais infindos, alguns surgidos das gândaras, que Luís de Magalhães admirávelmente surpreendeu na vista da estrada da Barra, numa descrição magistral. Depois, deixados os terrenos sedimentares do Moderno, do Quaternário, do Terciário e do Secundário, surgem em terceiro e quarto degraus, as formações xistosas e as metamórficas e cristalinas do Algonquico, do Ante-Cambrico, do Arcaico, com os gneisses, os micaxistos, as quartzites e os granitos, por onde se inveteraram os vastos filões minerais que alimentaram importantíssimas explorações hoje decadentes.

O grande eixo mineralógico dos jazigos de metais e de nascentes termais que deram lugar a alguns centos de registos, coincide com o eixo do vale do Caima entre Azemeis e a Sarnada e do Cértima até ao Bussaco.

Porque o Caima, que ao descer do planalto árido e pedregoso de Albergaria das Cabras se atira dum salto de 70 metros, na alucinante *Flecha da Misarela*, aproveitou apenas no seu curso inferior um extenso vale tectónico que passa no Bussaco e termina no Douro.

As torturas da terra ao longo dessa extensa valeira fracturada e eivada de filões minerais são bem visíveis no contorcimento dos xistos do Algonquico, no afloramento dos alinhamentos de quartzo e das quartzites que se veem entre Azemeis e a Farrapa e que, acompanhando de perto o Caima, condicionam as veias filonares das minas de Telhadela, Palhal, Carvalhal e Vale Maior no concelho de Albergaria e, ainda, talvez, as do Braçal, Malhada e Coval da Mó no vale do Rio Mau e Talhadas, nos concelhos de Sever e Agueda.

Quási de todo paralizaram essas velhas explorações mineiras, exceptuando as de Nogueira do Cravo e parte do Braçal, que se seguiam no mesmo alinhamento geral. Milhares de braços tiveram de mudar de ocupação.

Estancou-se o caudal de riqueza que saía das entranhas da terra com os minérios de chumbo e prata, cobre, zinco e arsénico, alguns extraídos por poços que atingiram 400 metros de profundidade e dezenas de quilómetros na vasta rêde das galerias subterrâneas.

Mas os filões talvez se não tenham esgotado e é possível que os mercados da maquinaria e os capitais baratos permitam um dia novas tentativas. O volfrâmio foi, durante a guerra, ao norte e nordeste do distrito uma visão de El-Dourado, mas passageira. Terrenos, certamente metalíferos, ao sul do Vouga talvez mereçam uma prospeção criteriosa de técnicos, semelhante ao que se está fazendo no sector da hidráulica agrícola.

Em baixo, perto do mar, a geologia até hoje só tem fornecido à indústria o barro, algum gêsso, cal, areia e pedregaço. As olarias são clássicas, porque os barros abundam. Todo o sub-solo é argila que em muitos pontos aflora, patente e desnuda, e pela Bairrada algum calcáreo, do Jurassico.

A Vista-Alegre à beira da ria, utilizou os caolinos de Ovar e Vila da Feira, a argila refractária da Aguada, o barro de Horta, o feldspato da Beira. Depois, onde os depósitos interiores de argila o permitiram, as fábricas subiram os degraus do solo e foram até Agueda e Albergaria a Nova. Em Ossela, ainda, num recôncavo dos montes, os pucareiros resistem com a sua roda, comunicando bucolismo ao barro negro de um depósito avulso, como em Molelos, além do Caramulo. Ao norte a paisagem mineira modifica-se. Sôbre o Douro, os carvões fósseis deram a grande exploração do Pejão que Portugal quási ignora.

Como as outras indústrias mineiras fraquejaram vergadas ao pêso dos encargos, e esvasiamento dos filões acessíveis, vieram as fundições que formam hoje indústria nova entre nós, prestigiosa e valiosíssima.

Como a terra é pouca para tanta gente, o povo industrioso fez-se industrial sobretudo ali ao norte. As fábricas de vidros de Azemeis atingiram perfeição tal que já florejam em arte; fabrica-se papel em Vale Maior e Azemeis sôbre o Caima, bem como polpa de papel; aproveitam-se os eucaliptos, a lenha dos pinheirais, a energia eléctrica da rêde e a mecânica produzida pelas quedas de água e pelos motores. No norte e nordeste do distrito, no concelho da Feira, entre o rio Ul e o Douro, em Azemeis e S. João da Madeira, principalmente, há a paixão da indústria. E' a aldeia fábrica, é a vila oficina, é a *cidade* industrial da região!

Na Gandara e na Bairrada é o Mesozoico que fornece o calcáreo; a cal e a areia dão os adobes; com os adobes erguem-se as casas e os muros de tôda a Bairrada e da Beira-Ria. Nos altos utilizam-se o xisto, o gneiss e o granito; as construções tomam outro aspecto, as aldeias diferente fisionomia.

Todas as vistas que se nos deparam são outras tantas surpresas e algumas são maravilhas como as dos vales de Agueda, de Sever, de Cambra e de Arouca que nos despertam a ambição do dom da ubiquidade, pois todos nos cativam, e nem sabemos qual preferir, tão ricos são de aspecto e colorido e gentileza e graça.

Mas a beleza e a riqueza da região, como se verifica, dimanam do polimorfismo geográfico e geológico, das rochas variadas, do arranjo estratigráfico, da tectonica e do modelado e da rêde fluvial, de que resultaram uma exposição geral anfiteátrica ao oceano, uma orografia complicada e hidrografia labirintica em que, a cada passo que damos, se nos depara uma côr local imprevista, um tom diferente, um sabor peculiar, uma faculdade nova, uma aptidão inesperada.

* * *

E', em verdade, tormidavel êste anfiteatro de plainos, colinas e montanhas que termina nos cimos do Bussaco, do Caramulo, das Talhadas, do Arestal, da Freita, alturas donde se divisam quatro cidades: Aveiro e o Porto, Viseu e Coimbra e um trato de mar que vai de Leixões para além da Boa-Viagem! Na linha divisória e de contacto da meseta ibérica com a orla sedimentar, onde ruborejam os gres vermelhos do pseudo-Triassico, linha que se orienta de noroeste a sudeste, as colinas de Estarreja, Angeja e Agueda iludem quando as encaramos do poente, porque as supomos conseqüência de dobramentos, quando não são mais que rebordos de uma plataforma erodida e profundamente ravinada pelas águas dos tempos geológicos recentes.

Já no terceiro e quarto planos há verdadeiros montes e montanhas correspondendo a acidentes tectonicos que convulsionaram os terrenos arcaicos, algonquicos, paleozoicos, xistosos e graníticos, terrenos êsses que vão de arranco em arranco e de abismo em abismo, desde as margens poéticas do Agueda, e dos atormentados meandros do alto Antuã e do Caima e do Alfusqueiro, até aos cumes das serranias que em Albergaria das Cabras e nas margens do Paiva e do Teixeira atingem asperosidades de pesadelo.

Nas ilhargas das serras, descendo-se para os vales, vê-se que a humidade ida do mar se condensa ao contacto com a encosta da montanha; o [homem aí desdobrou a terra em socalcos; verdejam os lameiros, abundam os pascigos e rememora-se o Minho das vinhas de enforcado, modalidade que se não enxerga mais ao sul do Vouga.

A paisagem resulta assim polimórfica, como a terra, variadíssima, verdadeiramente teatral, com mutações constantes de encenação.

O habitante que, com vários cruzamentos, descende dos neoliticos, dos castros lusos e dos vilares romanos e dos aldeamentos mosarabes, agarrado ancestralmente à terra, numa perfeita simbiose com o solo em que vive ou num curioso mimetismo com a paisagem que o envolve, é, afinal, como a própria terra: desdobrou-se em formas várias, desenvolveu aptidões diversissimas e proliferou espantosamente. A sua densidade é das mais elevadas de Portugal e de tôda a Europa.

Na costa foi pescador como os da Murtosa, enxameou com colónias varinas na capital e noutras terras de além-mar; foi marinheiro como os de Ilhavo e correu o mundo nas aventuras do navêgo; foi artífice, marnoto e artista e quedou-se, como os de Aveiro, a rêr o sal e a contemplar a placidez da água dos canais no intervalo das procissões; foi negociante hábil e poupado como os de Ovar; vinhateiro como os da Bairrada; mineiro como os de Sever, de Arouca e Paiva; industrial como os da Feira, Azemeis e S. João da da Madeira. E no preparo dos vinhos, no grangeio das terras, no modelado das cerâmicas, na construção dos barcos e dos navios, nas fundições de vidros e metais, na salinagem, nas pescarias do alto, nas chapelarias e multiplas oficinas e fábricas, na criação dos gados, o incola desta terra mostrou ser da mais variada habilidade, prestando-se a todo o trabalho digno e proveitoso, num labor constante que exerce por prodigiosa capacidade de inteligência e adaptação aos mais variados mesteres.

Espantosa polimorfia social!

Fatalismo geográfico?

Longe disso, suponho antes ter previsto, ao prescrutar os segrêdos desta terra variegada, uma teoria de conformismo entre o solo que cria o habitante e as aptidões do homem que habita o solo, e de tal sorte que êsses dois elementos—*Terra e Povo*—geram um verdadeiro binário das respectivas correntes de energia geral, resultante que pode defenir-se assim: —uma grande colmeia em progresso, onde, desde remotos tempos, o homem se agregou e arreigou e continua arreigado para viver e progredir, honrando e servindo bem a grande Pátria que se chama—Portugal!

* * *

Necessário é, e cada vez mais, que se lapide bem a alma una na diversidade das facêtas; e que quem quiser ser dirigente na região a estude bem para bem a compreender e poder servir, guiando-a de forma a resultar da sua polimorfia a grande beleza de uma grande unidade!

FESTAS À BEIRA-MAR

COSTA NOVA—ARRIBADA DE UM BARCO NO MAR

Realizou-se domingo e segunda-feira a da Senhora da Saúde, na Costa Nova, que teve uma concorrência invulgar, não só devido ao tempo, que esteve primoroso, mas também por ter sido distanciada da festa da Barra.

As camionetes da carreira e as lanchas, assim como outros meios de transporte foram utilisados na condução dos romeiros e da gente da cidade que ali afluiu.

* * *

A'manhã e segunda-feira outra festa se realiza—a da Senhora das Areias, em S. Jacinto.

O nosso bairro piscatório costuma ali cair em pêso, estando contratada a *Banda Amizade* para a abrilhantar.

E acabam, nesta altura, as romarias.

Carta de Lisboa

O regresso de Timor

Foi recebida com a maior satisfação em Lisboa a notícia da chegada a Timor do primeiro contingente de tropas portuguesas e também a alegria e entusiasmo com que as mesmas foram recebidas pela população timorense, quer os portugueses da Metrópole que ali vivem, quer os portugueses indígenas.

Razoàvelmente o *Diário de Notícias* pôde escrever a-propósito do histórico acontecimento:

«Voltou à comunidade nacional através de sofrimentos e sacrifícios sem conta, uma província que ocupa lugar muito especial no conjunto variado, mas solidário que é o nosso Império. E o viandante que ascender agora ao mais alto cume de Portugal—monte Ramblau, em Timor—poderá mais uma vez ler com orgulho no obelisco que ali se ergue:

«Portugal, alto Império que o Sol logo em Nascente vê primeiro».

Por tudo isto, recordar Timor com culto e entusiasmado, olhar com admiração, mais do que isso até, veneração, o seu sacrifício é obrigação que a todos se impõe, para todos deve constituir atitude de devoção.

Parlamento do Estado Novo

O Conselho de Estado, recentemente convocado pelo sr. Presidente da República, deu a sua aprovação à proposta do Govêrno no sentido de ser dissolvida a actual Assembleia Nacional e eleito de acôrdo com a nova lei eleitoral, o Parlamento que a há-de substituir. Tanto equivale a dizer que se irão realizar eleições parlamentares e que, mais uma vez, o país será chamado a escolher os homens que, no Parlamento do Estado Novo, hão-de realizar íntima e estreita obra de colaboração com o Govêrno na obra do renascimento nacional Daí o ser lícito esperar que o próximo acto eleitoral venha a ser nova afirmação do aplauso da nação à obra magnífica e patriótica do Govêrno que, salvando-nos da guerra, tem podido rasgar ante a nação mais e mais largos horizontes de prestígio, engrandecimento e progresso.

CORDEIRO GOMES

NECROLOGIA

Finou-se quarta-feira de madrugada, com 76 anos o sr. António Campos, proprietário do *Café Amarantino*.

Natural de Cabanas de Viriato, deixou alguns filhos e o seu cadáver foi a enterrar no cemitério Sul da cidade.

* * *

Na Presa deixou de existir no mesmo dia e com a mesma idade, a sr.ª D. Maria Luísa da Cunha Coelho Lopes, esposa do sr. Manuel de Sousa Lopes, tesoureiro da filial do Banco N. Ultramarino e sogra do sr. José Alves Pinheiro, funcionário da Agência do Banco de Portugal.

O entêrro da veneranda senhora, que possuia uma educação esmerada e era dotada de nobres sentimentos, efectuou-se no mesmo dia de tarde para o cemitério central, tendo-se encorporado alguns amigos e colegas de Manuel Lopes, a quem manifestamos o nosso pesar, extensivo a toda a família enlutada.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Alberto da Costa, serventuario da Alfândega, casado, de 55 anos e natural de Cristelos (Lousada); Maria da Conceição Costa, de 26, casada com Francisco Costa e Carolina Andias, viúva, de 94, avó do sr. João da Rosa Lima Júnior; na *Quinta do Picado*, Otília de Jesus, de 54, casada com José Ferreira Balção e na *Quinta do Gato*, Joana de Oliveira, de 73, casada com José Marques.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as sr.as D. Rosária da Cunha Pereira Portugal, esposa do veterinário sr. dr. Joaquim Portugal, e D. Ester de Rezende Godinho, esposa do sr. José Lopes Godinho, ambos professores no concelho de Oliveira de Azemeis; àmanhã, os nossos amigos dr. Abilio Justiça, distinto oftalmologista, e António Augusto Martins, empregado na filial da Vacuum Oil Company de Coimbra; no dia 8, as sr.as D. Silvina da Silva Pádua, D. Amália Bandeira Rangel de Quadros, gentil professora na Costa do Valado, e D. Maria da Conceição Faria da Cruz, ausente em Lourenço Marques (Africa Oriental); a galante Maria Armanda Saraiva, o inocente José Carlos Gamelas Almeida e o estudante António de Barros Santos, filhos, respectivamente, dos srs. tenentes José Salvato Saraiva, José Rodrigues de Almeida e Luís Paula Santos, de Infantaria 10; em 9, a sr.a D. Lídia de Carvalho Vilaça e a interessante Maria Margarida da Costa Leitão, filhas, respectivamente, dos srs. Domingos Vilaça e Alberto Leitão, residente em Lisboa, e os srs. Fernando da Cunha Ritto' Júlio Ferreira Dias, funcionário dos C. C. T. em Beja, e António Alves de Almeida, de Coimbra; em 11, o sr. Luís da Silva Perpétua e a sr.a D. Rosa Rodrigues de Pinho, esposa do nosso velho amigo João Simões de Pinho, de Cacia, e em 12, os srs. padre António Augusto de Oliveira e Jofre Gomes de Moura e a menina Alvarina Areal de Sousa, filha do sr. Narsélio F. de Sousa, comerciante em S. Gregório (Melgaço).

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se, no último sábado, o consórcio da sr.a D. Vitalina Domingues Vital, professora em Milheirós (Vila da Feira) com o sr. António Martins Morgado Júnior, guarda-livros em Serpa.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seu pai, o sr. Manuel Domingues Vital e a sr.a D. Pompilia Gonçalves Rocha, ambos professores, e pelo noivo o sr. Joaquim Coelho Palma, proprietário em Serpa, e o estudante Arménio Domingues Vital, tendo assistido à cerimónia diversos convidados.

Ao novo lar desejamos as máximas felicidades.

Praias e termas

Chegaram com as familias: da Costa Nova, a sr.a D. Maria Trancoso Magalhães e os srs. capitão Casimiro Marques, tenente Jaime Sabino, Costa Guimarães, António Madail e Inocêncio Soares; da Figueira da Foz, os srs. drs. Manuel Vieira de Carvalho e dr. Fernando Moreira e da praia do Farol, o sr. José Soares de Melo Júnior.

—Das Termas de S. Pedro do Sul também chegou, com sua esposa, o sr. Severiano F. Neves e da Costa Nova regressou a Eixo, o sr. dr. Diniz Severo.

Partidas e Chegadas

Partiram: para Caminha, o sr. dr. Carlos do Vale, juiz de Direito naquela comarca; para Ovar, o sr. Armando Cancela de Amorim, tesoureiro judicial; para Lisboa, o sr. Luís Manuel Rodrigues; para o Porto, a sr.a D. Armanda Marabuto, esposa do sr. Manuel Rodrigues Pinheiro, e que ali foi colocada nos ateliers *de costura dos Grandes Armazens do Chiado; para Oliveira de Frades, o sr. Jaime de Figueiredo e esposa, e para S. Pedro do Sul, o sr. Duarte Bolhão, aspirante de Finanças.*

—De Anadia regressou à capital o desembargador dr. Azevedo e Castro, nosso velho amigo.

—Do Porto também seguiu para Lisboa, onde representará a Casa Agostinho Ricon Peres, *o nosso conterrâneo Nuno Meireles.*

—Esteve cá o nosso amigo Alexandre Gigante, da casa Araújo & Sobrinhos, *do Pôrto.*

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Jantar de despedida

E' hoje à noite oferecido, por um grupo de antigos alunos da Escola Fernando Caldeira, ao professor Manuel Marques Damas, por ter sido colocado em Lisboa.

Realiza-se num restaurante da Beira-Mar.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,43 (tram.)
12,05 (tram.)	11,15 (»)
13,23 (rápido)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,34 (rápido)
20,40 (tram.)	Do Porto chega um tram. ás 21,07 que não segue.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	10,49
14,34	15,57 (1)
17,43 (1)	19,16
20,03 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

Documentários da Guerra

ATAQUE DE TANQUES ALIADOS CONTRA FORÇAS GERMANICAS NA FRENTE ORIENTAL

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre .	15$00
Colónias (Ano)	30$0C
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Secção Desportiva

Foot-ball

Segunda jornada do Campeonato do Distrito

RESULTADOS:

Sanjoanense 2 — Oliveirense 0
Espinho 3 — Ovarense 0
U. de Lamas 3 — Beira-Mar 0

Propositadamente fomos à Vila da Feira a-fim-de assistirmos ao desafio *Lamas-Beira-Mar*, pois o ambiente era favorável à turma aveirense. Dizia-se, e com justa razão, que do resultado dêsse jôgo dependia o estímulo para futuros desafios.

O *Beira-Mar*, depois de perder com a *Oliveirense*, necessitava absolutamente de ganhar êsse desafio. Afinal, perdeu-o e bem. Com mais esta derrota consecutiva do *Beira Mar* assiste-se ao desprestígio da turma beiramarense.

A imparcialidade com que escrevemos estas linhas tem por fim apontarmos o *fracasso* do jôgo de domingo, a que fomos assistir e do qual não tivemos ocasião de apreciar o valor técnico com que se pretendeu revestir o futuro *team* beiramarense, integrado com novos elementos.

Não; não podemos admitir que o *onze* aveirense, com os valores que nêle ingressaram e com a preparação a que está sendo submetido, seja o que vimos actuar no domingo passado. E de duas, uma: ou na formação da equipa há êrros provenientes do Conselho Técnico do *Beira-Mar* (e então procure se remediá-los imediatamente ainda que seja necessário eliminar os elementos prejudiciais que só estorvam a acção dos que querem trabalhar) ou então a turma beiramarense não tem valor notório.

E já agora aproveitamos a ocasião para preguntarmos qual a razão porque ainda alinham no *team* os antigos jogadores do *Beira-Mar*. Porque não vão preencher os seus lugares elementos novos que daqui a duas épocas serão os jogadores com que o *Beira-Mar* poderá contar?

No jôgo com o *Lamas* não gostámos de nenhum jogador em campo, mas se tivessemos de destacar alguns elementos, êsses seriam, e ligeiramente, o interior Adolfo e o médio Freire. Não se queira atenuar a derrota sofrida à superioridade da equipa de *Lamas*. Esta é até muito frágil, tão fraca que dificilmente ganhará outro desafio. A verdade é apenas esta: o *Beira Mar* não jogou nada. A defesa ofereceu dois *goals* aos vencedores; a linha média afundou-se pelo que pràticamente não existiu e o quinteto avançado não atinou com o caminho da baliza adversária e, pouco depois, andava à deriva.

Teimou-se e reteimou-se nos espectaculosos balões num jôgo em que se impunha o jôgo razo já que o guarda-rêdes de Lamas tinha certa dificuldade em defender bolas rasteiras e muitas outras barbaridades futebolísticas se cometeram que só a falta de espaço nos impede de comentar...

Para finalizar: não é com actuações destas que o *Beira-Mar* honra o futebol da cidade de Aveiro.

Jogos para àmanhã:

Em Espinho: *Espinho-Oliveirense*; em Vila da Feira: *Lamas-Ovarense*; em S. João da Madeira: *Sanjoanense-Beira-Mar*.

O *Beira Mar* protestou o desafio de domingo passado por deficiências de medida de baliza.

P. M.

Correspondências

Esgueira, 3

Festejam na próxima segunda-feira os seus aniversários os *folhetas*, Américo Capela, Manuel Feio, José Feio, António Guimarães e João dos Santos Gamelas, pelo que se realizará um *lauto banquete*, no afamado Restaurante Rato, oferecido aos colegas da *confraria*.

Bela noite em prespectiva...

—Esteve cá de visita o sr. Luís Henriques Pinheiro, professor em Beja.

C.

Emprêsa Continental de Navegação, Limitada

Por escritura pública de 29 de Setembro do corrente ano, lavrada nas notas do notário desta cidade, dr. Adelino Simão Leal, a *Emprêsa Continental de Navegação, L.da*, sociedade por cotas de responsabilidade limitada, com séde em Aveiro, elevou a 10.000.000 de escudos o seu capital, que era então de 6.000.000 de escudos, ficando dependente de resolução da Gerência a chamada dêsse aumento de capital.

O capital assim aumentado, de quatro milhões de escudos, foi subscrito pelos seguintes sócios e nas seguintes quantias:

Dr. Alberto Souto, 1.030 contos; Armando Marques Mendes, 400 contos; Bagão, Nunes & Machado, Limitada, 1.250 contos; Carlos de Paula Coelho de Castro, 400 contos; D. Eneida Souto Cimourdain de Oliveira, 20 contos; Jaime Felipe da Fonseca, 750 contos e dr. Joaquim Henriques, 150 contos.

Aveiro, Secretaria Notarial, 1 de Outubro de 1945.

O ajudante da Secretaria Notarial,
RAUL FERREIRA DE ANDRADE